

Cultura, cultura popular e mediação: as “lições” de Raymond Williams e E. P. Thompson acerca do estudo das práticas culturais

*Johnisson Xavier Silva*¹

Resumo: Este texto intenta criar algumas reflexões sobre o conceito cultura e cultura popular, mediação e seus métodos de estudos históricos, estabelecido nas obras dos intelectuais E. P. Thompson e Raymond Williams. Tem como base para tais reflexões os textos Folclore, antropologia e história social, publicado no livro *As peculiaridades dos ingleses* e outros artigos do historiador Thompson e *Marxismo e literatura* e *Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, de Raymond Williams. Adota ainda como ponto de partida para tais reflexões, as relações da temática estabelecida pelos referidos autores com as pesquisas que desenvolvemos. E, essa, busca analisar os sentidos das produções e práticas culturais dos povos ribeirinhos através das danças e cantos com raízes folclóricas e religiosas, desenvolvidos na cidade de Januária – MG, na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: E. P. Thompson. Raymond Williams. Cultura. Cultura popular. Mediação.

Abstrac: This text aims to create some reflections about concept culture and popular culture, mediation and its methods of historical studies, established in the works of intellectuals E. P. Thompson and Raymond Williams. Its basis for such reflections texts, *Folklore*, anthropology and social history, published in the book, *The peculiarities of the English* and other items historian Thompson, *Marxism and literature* and *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*, Raymond Williams. Also adopts as a starting point for these considerations, the relations of the theme established by the authors to the research we have developed. That seeks to analyze the meanings of cultural productions and practices of coastal peoples through dances and songs with folk and religious roots, developed in the city of Januária - MG in the second half of the twentieth century.

keywords: E. P. Thompson. Raymond Williams. Culture. Popular culture. Mediation.

¹ Aluno de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia (Mestrado), sob a orientação do Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior.

Sobre os riscos e dificuldades de se estudar a cultura popular

No livro *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, Williams diz que “cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa”². Usado para designar formas de sentidos, de cultivo (plântio) de produção intelectual e posteriormente material, o conceito de *Cultura* é por si só um conceito de difícil definição, posto que abarque em si uma infinidade de possibilidades de estudos. Ao definirmos diretrizes para o que chamamos de “cultura” corremos o risco de “trancafiarmos” em uma mesma definição práticas com sentidos divergentes, ou universalizarmos uma definição que cabe apenas a algumas práticas ou a alguns conceitos.

Quando tratamos de *Cultura popular* a complexidade do conceito aumenta em progressões geométricas, ora, quem define o que é popular? Ou ainda, será que o que definimos como popular corresponde ao que as camadas populares definem a si mesmas? Essas são perguntas de difícil solução, não pretendemos respondê-las aqui, pois não é esse o objetivo desse trabalho, elas servem-nos, no entanto, para percebermos as dificuldades presentes nos estudos históricos que têm como objeto as práticas culturais, alertando-nos quanto as facilidades do senso comum.

Thompson, na introdução de “Cos-

² WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 117.

tumes em comum”, ao tratar do costume alerta para o perigo das generalizações, pois o termo cultura e os confortáveis consensos que giram em torno do conceito podem: “distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto”³. Thompson diz ainda que a

Cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas históricas específicas das relações sociais e de trabalho⁴.

Williams, por sua vez em *Marxismo e literatura*, nos alerta:

No centro mesmo de uma importante área do pensamento e prática modernos, que ele habitualmente descreve, há um conceito, “cultura”, que em si mesmo, através de variações e complicação, incorpora não só as questões, mas também as contradições através das quais se desenvolveu. Esse conceito funde e confunde as experiências e tendências radicalmente diferentes de sua formação.⁵

³ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.

⁴ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 22.

⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.16.

De acordo com Thompsom e Williams, o conceito de cultura e os estudos referentes à temática são permeados por armadilhas e a constante possibilidade de cair em generalizações e erros. Segundo Williams, é impossível construir uma análise cultural séria sem chegar à consciência do conceito. Sem o amadurecimento dos sentidos que permeia os estudos culturais corremos o risco de cair em repetições apoloéticas. Cultura é um termo que foi cunhado historicamente e filosoficamente e é atravessado por conflitos políticos, portanto, tem também sua materialidade, sua historicidade.

Apesar de todas essas dificuldades, não há como, no entanto, fugirmos da utilização dos conceitos, posto que a cultura permeie quase todos os âmbitos das vivências sociais, temos então duas opções: restringirmos nossos estudos à repetição apoloética, ou adquirirmos uma consciência do conceito.

O conceito, apesar de suas armadilhas nos permite uma variedade de recursos para a análise das práticas populares e sociais, permite a possibilidade de darmos notoriedade aos agentes sócias, autônomos e criadores de pensamento e atitudes que foram relegados ao anonimato, nos possibilita ainda pensar os conflitos sociais, os sentidos das vivências permeados por suas manifestações, como por exemplo, as festas religiosas.

As formas históricas de determinadas relações sociais em que são construídas, transformadas e herdadas as práticas culturais e religiosas são, pois, nosso objeto de estudo, como já apontamos

acima. Para não incorrerem nas armadilhas e generalizações que comumente atraem os estudiosos da cultura, apontamos abaixo, de modo sucinto, algumas propostas teórico-metodológicas dos autores mencionados.

Raymond Williams (1921-1998)

Williams, logo na primeira frase do livro “Marxismo e literatura” escreveu: “este livro é escrito numa época de transformação radical. Seu assunto, marxismo e literatura, é parte dessa transformação”⁶ Williams se refere às últimas décadas da primeira metade do século XX, período decorrente do fim das grandes guerras e de mudanças políticas e culturais significativas. Foi através dessas mudanças significativas que Williams percebeu a importância de renovar as abordagens dos estudos marxistas e da preponderância que as produções culturais passaram a exercer nas mudanças sociais do período, o dinamismo dessa nova sociedade de massa, parecia estar registrado nas mudanças de sentidos da palavra cultura.

Preocupado principalmente com a criação e afirmação de uma teoria literária marxista, Williams principiou seus estudos a partir dos conceitos da teoria cultural marxista, analisando como a palavra cultura era entendida em sua época. Entretanto, reelaborou o conceito afirmando ser não um marxista, mas sim um teórico do materialismo cultural que, segundo Williams,

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 7.

era “uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico”⁷.

Williams percebeu que a palavra cultura, bem como outras palavras, como democracia, classe, arte e indústria, “assumiam na língua não apenas uma forma intelectual, mas histórica”⁸. Williams reconstituiu em “Palavras-chave” o sentido que as palavras adquiriram ao longo do tempo, no intuito de questionar a noção de que as palavras têm um sentido em si mesmas, para Williams, a construção dos significados é feita através dos conflitos sociais, arraigados nas vivências e demandas políticas culturais de cada período histórico.

De acordo com Williams, o conceito de cultura que tem hoje uma variedade de sentidos e é usado nas mais diversas línguas, tem uma origem recente. Mesmo que a palavra cultura seja usada há um período bastante extenso (um dos primeiros usos da palavra cultura remete ao cultivo e à agricultura, como já mencionamos), os seus sentidos foram alterados ao longo do tempo. As últimas décadas do século XVII são apontadas por Williams como um momento decisivo na mudança de sentido desse termo: “cultura como processo abstrato ou produto de tal processo – só passou a ser importante no final do século XVII e não é comum antes de meados do século XIX.”⁹

Segundo Williams, a mudança importante no uso do termo cultura foi desenvolvida por Herder: “Argumentava (Herder) que era necessário, no que consistia uma inovação decisiva, falar de ‘culturas’ no plural: culturas específicas e variáveis dos grupos sociais e econômicos no interior de uma nação.”¹⁰

A variedade e complexidade dos sentidos que adquiriu a palavra cultura historicamente ainda não foram apreendidos. Entretanto, Williams aponta que, ao menos, três categorias ainda são presentes no uso do conceito:

i) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético a partir do S18; ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, desde Herder be Klemm; iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente artística. Com frequência esse parece ser o mais difundido: cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema (...) uso relativamente tardio.¹¹

A noção que temos de cultura nos dias atuais surgiu, portanto no século XVII, as derivações, adjetivações e multiplicidade de sentidos do termo só foram possíveis

⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 11.

⁸ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 30.

⁹ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 119.

¹⁰ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 120.

¹¹ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 121.

após as mudanças que o termo adquiriu no referido período. A palavra cultura foi inicialmente difundida através do movimento romântico, que dava ênfase às culturas nacionais e tradicionais, incluindo a noção de cultura popular. Posteriormente cultura passou a diferenciar o desenvolvimento “humano” do “material”. Essas caracterizações da palavra foram feitas no interior da ideologia imperialista que distinguia cultura de civilização.

A principal contribuição de Williams em relação aos desdobramentos do termo se dá na medida em que cria uma teoria e uma análise prática do conceito calcadas no pensamento marxista e de um ponto de vista de esquerda. Para Williams, influenciado por Gramsci a manutenção de hegemonia era feita não apenas através do poder, mas também era feita por meio das produções culturais;

a dominação essencial de determinada classe na sociedade mantém-se não somente, ainda que certamente se for necessário, pelo poder, e não apenas, ainda que sempre, pela propriedade. Ela também se mantém, inevitavelmente pela cultura do vivido.¹²

Uma concepção da cultura na qual não há separação entre o vivido e os seus aspectos materiais e históricos, é, pois, de suma importância, segundo Williams, para instituir a cultura como modo de crítica à vida social. Partindo desses pressupostos o autor funda o conceito de materialismo

cultural, ao mesmo tempo propõe a superação do marxismo ortodoxo.

Outra importante contribuição do autor é a noção de mediação, para Williams:

todas as relações ativas entre diferentes tipos de ser e consciência são antes inevitavelmente mediadas, esse processo não é uma agência separável- um “meio”- mas intrínseco às propriedades dos tipos correlatos. A mediação está no objeto em si, não em alguma coisa entre o objeto e aquilo que é levado.¹³

As produções culturais são, portanto, mediadas. A arte e outros produtos culturais não são, nessa perspectiva, meros reflexos sociais. Para melhor entendermos o conceito de mediação utilizamos aqui um exemplo dado por outro autor, Jesús Martin-Barbero. No livro “Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia”, ao tratar da literatura de cordel Martin-Barbero nós dá um exemplo de como as práticas culturais populares podem ser mediadas: “Mas não é só meio a literatura de cordel é *mediação*, por sua linguagem que não é alta nem baixa, mas a mistura das duas. Mistura de linguagens e religiosidades. É nisso que reside a blasfêmia. Estamos diante de *outra literatura*”¹⁴.

A literatura de cordel não é, segundo Martin-Barbero, apenas um reflexo da literatura dita erudita, mas é a criação de uma nova linguagem. A mediação ocorre do

¹² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 397.

¹³ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 102.

¹⁴ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 102.

mesmo modo como demonstramos com a literatura de cordel, com outras práticas culturais populares e se apresenta como um meio em que as classes populares preenchem o vazio deixado pelos aparelhos tradicionais na construção do sentido da vida. Nesse sentido, a oralidade, que não é antônimo de alfabetização, a repetição, são um dos vários mecanismos no qual a cultura popular se expressa, é mediada.

Tendo apresentado de modo sucinto as propostas teóricas do autor é necessário relacionarmos com o tema da pesquisa que desenvolvemos. A primeira contribuição de Williams aos estudos das festas religiosas que podemos destacar é em relação à dicotomia estabelecida entre religião oficial e popular, comumente a religiosidade popular foi tida como inferior, lugar onde o profano e o sagrado se misturam. O antropólogo Joaquim Ribeiro, no livro *Folclore de Januária*, ao registrar as apresentações do Terno dos temerosos disse:

É sabido que em torno da profunda manifestação de misticismo (...) observam-se nesses dois núcleos curiosos e divertidos folguedos. É o que se pode chamar de misticismo lúdico, tão comum no interior do Brasil. Orações e danças se misturam. Hóstia e cachaça se entremeiam. União religiosa e folguedos se ajustam sem atritos, (...) a fé dos romeiros não os isenta de bebedeira e estripulias. A promiscuidade nesses instantes de intensa aglomeração facilita esse abastardamento da religiosidade dos sertanejos.¹⁵

¹⁵ RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Belo Horizonte: Ed. Levínio da Cunha Castilho, 2001, p. 104.

A religiosidade popular, os folguedos e folias são tratados por Joaquim Ribeiro como lúdico rústico e simples, de maneira quase romântica, como algo folclórico que difere do oficial e permite a promiscuidade. Se analisarmos as festas populares segundo a ótica de Williams poderíamos dizer que as festas religiosas populares, não são oficiais, portanto destituídas das ortodoxias dos rituais católicos oficiais, nem inferiores, nem promíscuas, mas são a linguagem em que o sentido da fé popular é vinculada, portanto, não está entre o oficial e o normativo, nem é promíscua, mas como argumenta Carlos Rodrigues Brandão: a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem,¹⁶ dotada de linguagem e características próprias.

Outra possível interpretação das festas populares segundo os pressupostos teóricos desenvolvidos por Williams é que as práticas populares, assim como as festas religiosas foram tidas como não passíveis de mudanças, folclorizadas, representavam a tradição fixa e imutável, eram apresentadas ainda como símbolo da identidade de um povo, como um espelho onde toda religiosidade popular se expressa. Williams nos alerta quanto ao fato de que as práticas culturais populares são constituídas e constituidoras do social, portanto, são atravessadas por conflitos. São passíveis de mudanças, re-significações, usadas como mecanismos pedagógicos da hegemonia de algumas classes, ou grupos políticos. Estão inseridas em demandas

¹⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cultura na rua*. São Paulo: Papirus Editora, 1989, p. 25.

políticas, sociais e são permeadas e transformadas através de todos esses fatores.

E. P. Thompson (1924-1993)

A trajetória intelectual de E. P. Thompson possui convergências bastante notáveis com a de Raymond Williams. Embora partissem de objetos de estudos diferenciados, os dois autores se empenharam em repensar o chamado marxismo ortodoxo e preocuparam-se em criar novas abordagens para os estudos culturais. Refiro-me, claro, à criação do grupo de intelectuais de diversas áreas que na década de sessenta do século XX fundaram o que se denominou de nova esquerda e de estudos culturais.

Thompson se preocupou em estudar a vida, cultura e costumes dos trabalhadores, tendo cunhado conceitos de suma importância para a historiografia, como por exemplo, o conceito de Experiência e Economia moral, dentre outros.

Daremos ênfase, nesse trabalho, ao artigo intitulado Folclore, antropologia e história social, publicado no livro *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. O texto nos dá uma relevante contribuição para a construção de uma metodologia que relacione a história com outras áreas das ciências sociais; o folclore, a antropologia, a filosofia e a sociologia. Sintetiza ainda as idéias fundantes do autor em relação à cultura e mostra ao mesmo tempo a diversidade da pesquisa histórica, com temas referentes à cultura, realizada principalmente na Inglaterra, entre 1960 e 1977.

Uma das mais enfáticas críticas de Thompson se dá quanto ao uso irrefletido dos textos marxistas, segundo o autor os historiadores precisam estabelecer uma autocrítica, enfatiza que para os historiadores estabelecerem um diálogo com a antropologia é preciso entender que

A idéia de ser possível descrever um modo de produção em termos econômicos pondo de lado, como secundários, (menos “reais”), as normas, a cultura, os decisivos conceitos dos quais se organiza um modo de produção. Uma divisão teórica arbitrária como essa, de uma base econômica e uma superestrutura cultural, pode ser feita na cabeça e bem pode assentar-se no papel durante alguns momentos. Mas não passa de uma idéia na cabeça.¹⁷

O historiador, entretanto, aponta ressalvas quanto à absorção das metodologias e teorias desenvolvidas pelos antropólogos. O diálogo com a antropologia, de acordo com o autor, deve ser feito não para absorver acriticamente “modelos”, mas deve servir como estímulo para encontrar novos problemas e novas formas de pensar a história e as práticas culturais.

Outro ponto importante destacado por Thompson é utilização do material folclórico, relegado a segundo plano pelos historiadores, os estudos folclóricos muitas vezes partiam da premissa que as danças, os cantos, as festas, os costumes se tratavam apenas de sobrevivências, inertes no passado e desprovidos de dinamismos.

¹⁷ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 255.

Thompson nos alerta que o material criado por esses estudos folclóricos é de suma importância para entender as práticas culturais, as normas, os rituais, mas só podem ser interpretados quando as fontes deixam de ser vistas como uma sobrevivência e são inseridas no seu lugar histórico, seu contexto. É, pois, necessário reexaminar as fontes folclóricas, fazendo novas perguntas, levantando novos problemas.

Ao levantarmos novos problemas, ao darmos atenção aos novos autores sociais, “à medida que alguns autores principais da história- políticos, pensadores, empresários, gerais- retiram-se da nossa atenção, um imenso suporte de, que supúnhamos se compostos de simples figurantes, força a entrada em cena.”¹⁸ O atípico, os “agentes ordinários da cultura”, nos dão uma gama de ferramentas por onde podemos abrir janelas, frestas que possibilitam o estudo de uma prática, um rito, uma sociedade em determinados períodos históricos.

Um dos problemas metodológicos em se construir um estudo histórico das festas populares são as dificuldades que os historiadores têm em analisar os sentidos das variadas formas de expressões artísticas. É comum nessas festas a dança, o teatro, a música, isso tudo permeado por uma rica manifestação da fé, pincelado com aspectos da vida social, do trabalho e das vivências. Na ânsia de solucionarmos tais problemas meto-

dológicos recorremos a modelos pré-estabelecidos de análises, importando-os sem a devida crítica e contextualização. Thompson nos orienta que é de suma importância o diálogo com antropologia, mas ela nos deve servir como amparo na construção de novas perguntas, novas formas de análise, tendo em vista sempre os processos históricos em que as festas e outras práticas culturais se apresentam.

Essas festas são registradas por viajantes, memorialistas, folcloristas, jornais, panfletos etc., esse registros que atentam para o exótico entendem a festa como uma tradição, um fragmento folclórico. É, em muitas situações, as únicas fontes que podemos ter sobre determinado terno, ou festa religiosa. O que podemos apreender das propostas de Thompson é que, longe de ser um material descartável, apresenta-se como uma rica fonte de estudos, desde que analisemos esse material folclórico com novas perguntas, dotado de curiosidades para o atípico, para as frestas que podemos encontrar nos registros folclóricos.

Uma prática cultural, uma folia, a religiosidade popular dificilmente se apresenta de forma hermética, fechada em si mesma, mas é sempre construída por meio de relações, de maneira plural, emaranhada em um feixe. Se olharmos de longe, desatentos aos nós e elos que unem esse feixe facilmente daremos caracterizações e definições que cabem harmonicamente na mente do historiador. Mas se sairmos da letargia e da repetição apologética, perceberemos que as festas populares, a cultura popular não se cria,

¹⁸ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 234.

nem se manifesta sem contradições, sem conflitos, sem a riqueza e variedade em que na linguagem popular se constrói o sentido de suas práticas.

Thompson e Williams são enfáticos em propor o pensamento que foge ao dogmático e aos modelos simples de explicação, suas contribuições teórico-metodológicas são, portanto, de suma importância para os estudos que pretendemos desenvolver, bem como para qualquer historiador que se aventure a estudar a cultura.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. São Paulo: Papyrus Editora, 1989.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Belo Horizonte: Ed. Levínio da Cunha Castilho, 2001.

THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.